

4. Resultados

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa realizada. Inicialmente, apresentam-se os resultados relativos aos hábitos financeiros dos entrevistados, incluindo os produtos financeiros utilizados e a questão do endividamento. Em seguida, é explorado o tema das trocas intertemporais e, por fim, os significados associados a crédito e endividamento.

4.1. Características dos Hábitos Financeiros dos Entrevistados

4.1.1. Tipos de produtos financeiros utilizados

Dentro do roteiro de pesquisa utilizado, dedicou-se espaço para identificação dos produtos financeiros mais comumente utilizados no grupo de entrevistados. Verificou-se, primeiramente, que o crediário, apontado em outros estudos como a modalidade de crédito preferida e mais utilizada na baixa renda (BRUSKY, FORTUNA, 2002), já não faz parte das opções preferidas desse grupo. Barros e Rocha (2007), em pesquisa com empregadas domésticas, sugeriram que o parcelamento oferecido por lojas seria uma atraente opção de crédito, por permitir ao indivíduo a aquisição de vários bens, concomitantemente. A pesquisa de Parente (2003) também indicou o parcelamento a longo prazo como uma opção mais interessante: “a maioria das famílias de baixa renda se sente mais segura pagando pequenas parcelas durante um tempo mais longo do que tendo ‘a corda no pescoço’ durante um tempo mais curto”. Dos 16 entrevistados, apenas um possuía crediário em uso no momento da pesquisa. Entretanto, apenas um nunca havia utilizado essa modalidade de acesso ao crédito. A possibilidade de obter prazos mais longos e, conseqüentemente, parcelas menores que “caibam no bolso”, pode ter tido sua atratividade reduzida em função de maior conscientização a respeito das altas taxas de juros incidentes sobre o valor original

do bem, assim como da percepção de “prisão” com pagamentos muito longos. Os entrevistados declararam uma preferência por pagamentos em menor número de parcelas, afirmando ter a preocupação de assumir um compromisso com valores que sejam compatíveis com seu orçamento.

O cartão de crédito surge como uma alternativa mais simples de acesso ao crédito e com poucas exigências burocráticas (BRUSKY, FORTUNA, 2002). Apenas dois entrevistados afirmaram não utilizar cartão de crédito próprio ou de terceiros, por opção pessoal, mas relataram problemas de inadimplência com cartões no passado. Dos que possuem cartão, metade possuía, no momento da entrevista, dois ou mais cartões de crédito, de lojas e/ou bancos. Embora o número de parcelas usualmente disponível para parcelamento seja menor, a ausência de juros e a simplicidade de acesso, faz dessa modalidade a preferida do grupo entrevistado.

Tenho muitos (cartões) porque o limite é pequeno e os de loja dão desconto nas compras (Tatiana).

Tenho cartão e uso bastante. Tenho uns sete, mas eu tinha mais. [O cartão é importante] porque às vezes você está sem dinheiro nenhum e com o cartão você pode ir lá e comprar (Tatiana).

...porque eu acho que é mais vantagem (comprar no cartão). No crediário você sempre perde, se atrasa... No crédito, geralmente, quando a gente costuma comprar, a gente quase não parcela (Kátia).

Eu não uso mais o crediário há muito tempo, agora só cartão. Eu compro naquele valor que eu posso pagar (Fernanda).

... porque o crediário, quando você vai nas Casas Bahia fazer um crediário, você paga quase que duas vezes a mercadoria. No cartão é quase sempre sem juros (Rita).

Então tomei uma decisão: não vou mais fazer crediário. Se precisar, só no cartão (Ernesto).

Essa é uma mudança em comparação ao identificado no trabalho de Mattoso (2005), quando o crediário ocupava posição de destaque na preferência por formas de pagamento do grupo de baixa renda e era a modalidade mais usada, principalmente para a compra de móveis, eletrodomésticos, roupas e calçados. Não havia muita burocracia e os indivíduos eram atraídos pelos longos prazos de pagamento e parcelas menores, que tornavam seu objeto de desejo acessível. Mattoso (2005) relatou que os entrevistados recorriam ao crediário como “forma

única de comprar o que precisam”, importando mais o valor da prestação do que o custo final da compra, apesar de já identificar, naquele momento, uma grande presença de cartões de crédito na comunidade pesquisada.

O cartão é visto como um “simplificador” do acesso a crédito. À primeira vista, não parece estar associado a status ou privilégio, como já identificado por Mattoso (2005).

É um benefício bom, mas se não tiver controle, desanda. Não mudou a minha vida, mas ajuda. Deu um empurrão. (Ernesto)

Tentaria usar menos cartão... Não negocio à vista porque sou muito envergonhada (Tatiana).

Hoje em dia não me faz falta cartão, mas acho que é bom ter (Marcio).

Não acho importante [ter cartão], mas ajuda bastante. Ajuda muito quando você quer comprar uma coisa grande, com valor muito alto. O cartão te facilita... É difícil ter tanto dinheiro na mão para comprar (Vitoria).

Apesar do menor número de parcelas para pagamento oferecido pelo cartão de crédito, a possibilidade de comprar parcelado sem juros atrai. Adicionalmente, permanece a preocupação de se comprometer com uma parcela que caiba no bolso.

Eu prefiro sem juros [no cartão] (Gérson).

Eu vejo mais o valor que eu vou pagar. O que der pra eu pagar. Se tiver que estender o número de prestações, tem que ser (Marcelo).

Eu tenho x pra gastar, só que eu não posso gastar aquilo tudo. A prestação eu posso pagar até R\$ 150, porque eu tenho o aluguel, eu tenho que deixar o dinheiro reservado pro gás (Gérson).

O cartão de crédito também foi citado por alguns como forma de controle dos gastos, através de suas parcelas e seu limite de crédito.

No crediário você sempre perde, se atrasa... No crédito, geralmente, quando a gente costuma comprar, a gente quase não parcela (Kátia).

Independente de juros ou não, estou sempre parcelando [no cartão]. É mais fácil. Tenho como controlar... Exemplo: gastei 300 reais, posso parcelar em duas vezes com juros, vai ser 160 reais, máximo, cada. Os juros são menores no cartão de crédito do que no crediário (Ernesto).

Como identificado por Brusky e Fortuna (2002), o cartão de crédito mostrou-se amplamente utilizado, até mesmo por aqueles que não o possuem, seja por apresentarem renda insuficiente ou por estarem com o “nome sujo”, já que fazem uso do cartão de amigos e familiares. Dos 15 usuários de cartão de crédito

entrevistados, seis possuíam dívidas no cartão de parentes ou amigos, no momento em que a entrevista foi realizada.

Seis entrevistados já haviam utilizado a opção de empréstimo em banco. Esses empréstimos destinaram-se a compra ou reforma de casa própria ou aquisição de veículo, sendo um deles na modalidade de empréstimo consignado.

Em função da maior parte dos entrevistados ser assalariada, a existência de conta corrente no banco surgiu na maioria dos casos. Do total, 11 entrevistados possuíam conta-salário. No entanto, nenhum deles indicou utilizar essa conta para outro fim que não o de receber e retirar o valor de seu pagamento.

A caderneta de poupança, como identificado no trabalho de Brusky e Fortuna (2002), permanece como objeto de desejo, mas sem planos concretos para execução. A poupança é entendida, por alguns, como importante, principalmente para o futuro ou ao pensar nos filhos. No entanto, na prática, não consegue ser iniciada “por não sobrar dinheiro”, corroborando os resultados de trabalhos anteriores, como os de Brusky e Fortuna (2002) e Mattoso (2005), apresentando, inclusive, a mesma postura incoerente já detectada em ambos os trabalhos, em que os indivíduos mostravam capacidade de fazer sobrar dinheiro, quando necessário. A abertura da conta-poupança, em boa parte dos casos, foi feita por terceiros e dada como benefício, provavelmente ainda numa época em que a poupança era considerada atrativa.

Menos da metade dos entrevistados informou possuir caderneta de poupança, mas nenhum deles aparentou ter um compromisso real de criar e manter uma reserva financeira:

Eu consigo colocar alguma coisa na poupança, mas aí depois vou lá e tiro. Aí vem um filho e pede. Às vezes ponho uns R\$ 50, R\$ 200, mas acabo tirando. Não dá para deixar e esquecer lá... (Fernanda).

Minha mãe abriu minha poupança quando eu era de menor. Uma vez ou outra eu boto um dinheirinho lá, mas não dura nem uma semana. Eu vou lá e tiro (Marcio).

Eu tenho uma poupança, mas é assim, quando dá eu coloco lá R\$ 50, R\$ 60, quando dá... Mas se sobrar algum dia, que eu vejo que tá sobrando um pouquinho eu vou lá e deposito R\$ 50 e deixo lá. Deixo R\$ 50 lá porque não sei se, de repente, mais lá na frente, eu vou precisar dele. Aí deixo lá guardado. Hoje eu tenho uma poupança. Para você ver, na poupança hoje eu tenho...R\$ 80 (Gérson).

(Não faço poupança) porque eu ganho muito pouco. O que eu ganho, meu salário não dá para guardar, eu tenho que pagar as coisas em casa (Marcelo).

No entanto, entrevistados que afirmaram ter dificuldade em realizar sobras nos seus orçamentos suficientes para poupar, apresentaram intenções de compra e de manutenção de dívida.

Eu estou terminando de pagar uma prestação agora, e já estou começando outra prestação. Estou terminando de pagar um jogo de sofá e vou começar a pagar uma estante. Estou saindo de uma prestação de 120 reais, e entrando numa prestação de 115 reais. Uma em cinco e outra em seis vezes (Gérson).

Vou renovar (as dívidas) com outras. No caso vai ser a geladeira, o guarda-roupas que está precisando também (Marcelo).

O ato de poupar foi considerado importante, mas parecia não se adequar à vida e necessidades de parte dos indivíduos. Muitos deles indicaram o desejo de poupar, mas não mostraram ações que consubstanciassem essa intenção:

Tenho uma poupança na Caixa. Quando comecei a trabalhar com 19 anos, eu abri, mas não consigo guardar. Acho importante para quem guarda dinheiro, mas não para mim (Tatiana).

Não coloco nada na poupança. Não sobra. Eu estou focada na questão da obra. Mas acho muito importante (Vitória).

Acho importante para o meu filho. Para mim, no momento não. Meu orçamento é todo programado (Ernesto).

...e eu acho muito interessante (a poupança), tem gente que fala assim: “ah, eu coloquei no nome da minha filha e só vai poder mexer daqui a tantos anos”, mas eu nunca tive essa esperteza, eu tenho é a curiosidade, mas nunca tive aquela vontade de fazer mesmo! Eu teria até vontade de fazer, assim, até para benefício delas, mas nunca tive a cara de pau de ir lá (Janaína).

Assim como identificado por Mattoso (2005), o fato de não poupar não parece estar relacionado a uma ilusão de estar sob proteção divina e imunes a problemas. Pelo contrário, as dificuldades e urgência do presente parecem não dar espaço para o planejamento e organização do futuro.

Eu ganho muito pouco. O que eu ganho, meu salário, não dá para guardar. Eu tenho que pagar as coisas em casa (Marcelo).

Eu estou querendo abrir uma poupança, só que com esse temporal que teve, a minha casa está minando água nela toda....Querendo ou não, vou ter que fazer o meu telhado (Celina).

Alguns informantes não demonstraram preocupação em fazer uma caderneta de poupança ou qualquer outra forma de reserva financeira.

Não, não penso em guardar. Você quer saber se eu guardo para o futuro?... Não, não tenho esse hábito (Inês).

Não. Não tenho poupança nenhuma. Não tenho reserva nenhuma... Nunca fiz. Meu marido fala à beça... Ele fala: “era para você ter dinheiro guardado, não sei o quê... você gasta demais!”(Rita).

Outros indicaram falta de conhecimento da ferramenta ou dificuldade em acessá-la.

Caderneta eu tinha, mas não tenho mais. Não acho muito jogo. A taxa é muito pouca. Guardar, guardo em casa mesmo. Só eu e a esposa sabemos (Moacir). Tive poupança há muito tempo atrás. Fiquei chateado com a burocracia, só tinha 54 reais, aí fechei logo (Ernesto).

Penso [em ter poupança], mas eu sou meio “lesada” para essas coisas de banco. Eu sou muito medrosa. Eu só tenho medo do que possa dar... (Janaína).

4.1.2. Endividamento

• Tipo e razões de endividamento

O crédito é utilizado como extensão da renda familiar, ampliando seu acesso a bens e serviços (ROCHA, MELLO, 2002). Boa parte dos entrevistados, ao ser questionado sobre o porquê de não usar dinheiro para fazer suas compras, alega que não seria possível comprar.

(Compro no cartão) porque no dinheiro não ia dar (Fernanda).

É difícil hoje em dia alguém ficar sem dívida (Moacir).

A maior parte das dívidas dos entrevistados está concentrada no cartão de crédito, seja dele próprio ou de um parente ou amigo. Apenas um dos entrevistados afirmou não possuir dívidas no cartão de crédito, o mesmo que declarou não possuir cartão. Ponchio e Aranha (2009), em estudo sobre a influência do materialismo sobre a dívida de consumo, verificaram que o orçamento não é a única restrição ao consumo de bens por indivíduos de baixa renda e não apenas os fatores econômicos levam ao endividamento, mas também os sociodemográficos e psicológicos.

As razões para endividamento mais declaradas estavam relacionadas ao sonho da casa própria, seja para construção, reforma ou decoração (móveis e eletrodomésticos), assim como também ocorreu na pesquisa de Mattoso (2005) na Rocinha. A compra de roupas e calçados também surgiu, para pais (ou não) e filhos, como motivação para o endividamento.

Comprei um fogão Continental. Comprar um Dako não vale a pena. Você paga caro e não dura. Aí parcelai no cartão (Marcelo).

As meninas não tinham nada, eu comprei roupa de cama, tudo de uma vez só. A loja parcelava em 10 vezes para compra acima de 500 reais (Celina).

Compro remédio, roupa, calçado, roupa para mim, para o meu filho e meu marido (Rita).

Não houve uma pergunta direta a respeito do nível de comprometimento da renda familiar com dívidas. Entretanto, a partir de das respostas, pode-se inferir que, excluindo-se o pagamento de aluguéis, água e luz, além de outros pagamentos à vista, existe uma faixa relativamente variável de endividamento, que vai dos 20% aos 70% da renda líquida familiar.

Os resultados variam caso a caso, mas variáveis distintas parecem afetar esse comprometimento: a) menor renda per capita pode sugerir maior controle e menor endividamento; b) casos com histórico de inadimplência por consumo descontrolado indicaram um comportamento mais conservador na aquisição de dívidas naquele momento; c) obras e reformas na residência parecem aumentar o patamar de endividamento, em função do tempo (longo prazo para execução da obra) e dos valores envolvidos.

Não há conclusão sobre uma razão específica para o endividamento e inadimplência. Assim como constatado por Manning (2000), Brusky e Fortuna (2000) e Mattoso (2002), identificou-se uma relação direta entre o endividamento e inadimplência com problemas de desemprego, divórcio e saúde.

• Situações de inadimplência anteriores

Mattoso (2005) identificou que as principais causas de problemas financeiros na baixa renda estão relacionadas ao desemprego, separação ou divórcio, alteração de renda, doença e morte, sendo o desemprego apontado como a causa mais frequente. Nas entrevistas realizadas, a maior parte dos indivíduos indicou o desemprego (próprio ou de terceiros) como motivo para ter se tornado inadimplente em algum momento.

A gravidez da minha primeira filha foi de risco, porque eu tenho problema de asma e eu quase não ia trabalhar. Então, quando eu voltei a trabalhar, fiquei o tempo que tinha que ficar, depois eles me mandaram embora. Com o dinheiro que eu tinha, cuidei da minha filha e as dívidas deixei para trás. (Janaina)

Eu fiquei desempregado. Eu perdi o emprego na cooperativa e não tinha direito a nada, só o salário [de saída]. (Marcelo)

Me embolei por causa dos outros. Uma amiga ficou desempregada e não me pagou. Foi na loja de roupa e comprou uns quinhentos e poucos reais. Aí fui enrolando, esperando ela pagar. Depois tive que pagar. (Tatiana)

A separação ou divórcio também provocaram situações de inadimplência, corroborando os achados do trabalho de Mattoso (2005).

Fiz um empréstimo na Caixa Econômica. Me arrependi porque foi para o pai dela [da filha] e ele não pagou. Nesse meio tempo nós nos separamos e ele parou de pagar (Celina).

Eu só sei que ele [o ex-marido] me pediu e eu aceitei. Eu falei: “tá, vê isso aí”. Mas a gente se separou e ele parou de pagar. Não pagou mais e até hoje meu nome é sujo e o valor é bem alto (Inês).

Mattoso (2005) não identificou, em seu trabalho na Rocinha, evidências de abusos na utilização do cartão de crédito. No entanto, no presente estudo, surgiram depoimentos de mau uso do crédito ou descontrole no consumo. Com a disseminação do cartão de crédito, é possível que a facilidade de acesso associada a uma crescente intenção de consumo possa vir influenciando esse tipo de comportamento.

Eu fiz uma vez um cartão no Itaú. Eles ofereceram, me deram um cartão com limite de 300 reais. Daí a pouco, chegou outro cartão, sem eu pedir, com um limite maior. Fui fazendo cartão... Fui comprando, comprando... Comprei tudo em roupa de marca. Só roupa cara. Eu era moleque. Quando fui ver, não tinha como pagar (Marcio).

Já andei muito complicado na vida. Isso quando eu era solteiro. Tudo que eu via eu queria consumir, comprar, comprar, a novidade de pessoa jovem. Aí meu cartão estourava e ficava endividado (Moacir).

Eu comprei um notebook e não pensei... Pensei no meu bem-estar: vou ter internet, vou ter Facebook. Pensei no meu bem-estare agora tenho mais uma dívida que não precisaria. Entendeu? Eu tinha que aprender a me controlar mais (Janaína).

O pagamento à vista surgiu em todas as entrevistas como o modo “preferido” para compra, no entanto, nem sempre acessível. Os entrevistados que ficaram inadimplentes em função de consumo excessivo ou descontrole foram os que declararam uma intenção de consumo à vista e redução do uso do cartão de crédito.

A vantagem do à vista é que pagou, acabou. E às vezes dá mais vantagem, porque dão um abatimento (Moacir).

Se eu tiver que comprar, eu prefiro comprar à vista para evitar fazer dívida, para controlar melhor. Compro a maioria das coisas à vista (Marcio).

[Não compro tudo à vista] porque o dinheiro não ia dar. No dinheiro vivo pago o telefone fixo e o celular (Fernanda).

Na maioria das vezes, mesmo que sem condições financeiras para fazê-lo, diversos entrevistados revelaram a intenção de quitar suas dívidas, para sair da situação de inadimplência.

Já aconteceu [de não conseguir pagar uma dívida] e eu tive que fazer um parcelamento na fatura do meu cartão. Eu renegocieei a minha dívida. Quando chega a fatura, tem uma folha falando: “parcela a sua fatura que caiba no seu bolso”(Rita).

Rita resolveu seu problema com a dívida pagando juros altos, mas justificou: “pelo menos eu não iria ficar inadimplente”. Ter o nome limpo foi mencionado como algo importante, principalmente para viabilizar mais acesso ao crédito. No entanto, em algumas situações, assim como verificado por Mattoso (2005), apesar de haver desejo de quitar, os entrevistados em situação de inadimplência optaram por deixar “a dívida rolar”, entendendo que esse é um processo quase que “natural” da vida.

Às vezes acontece de eu não pagar o cartão, de juntar um mês com o outro, mas é a vida, não é? Vou levando (Marcelo).

4.2.

Trocas Intertemporais

• Visão de futuro

Para Giannetti (2011), a orientação para o futuro é mais reflexo do ambiente em que se está inserido, suas regras e limitações e menos uma escolha autônoma baseada em valores. Nesse contexto, a vida de restrições e dificuldades da baixa renda deve ter influência na sua capacidade de pensar sobre o futuro. Quando questionados sobre os seus sonhos e o que estavam fazendo para realizá-los, a maioria dos entrevistados mostrou dificuldade para apresentar um plano objetivo. Quando lhes foi perguntado como se viam em dez anos, muitos sequer conseguiam se projetar nesse futuro, o que pode ser resultado de um foco na sobrevivência do dia a dia.

Não sei não, nem me imagino daqui a dez anos (Roberta).

Eu não consigo, eu não tenho nem raciocínio para isso. Para pensar o que pode ser daqui para lá (Janaína).

Não me projeto [daqui a dez anos]... Não penso muito no futuro. Nunca pensei e não penso. Eu sei que é errado, mas se eu falar pra você que eu penso, eu estou mentindo (Inês).

Não me imagino daqui a dez anos. Está muito longe? Às vezes não, mas para mim, parece que está (Kátia).

Alguns entrevistados conseguiram relatar um estado ideal para seu futuro. No entanto, ao aprofundar os detalhes da execução desses planos, revelavam ideias incompatíveis, vagasou mesmo a ausência total de planos.

De repente, pode ser que eu termine meu o 2º grau, consiga fazer uns cursos aí para poder ganhar um salário melhor, porque me aposentar com salário mínimo não tem condições, não... (Marcelo).

Eu acho que daqui a dez anos, cara, eu faço aí a minha fezinha aí no jogo, jogo na Mega Sena, compro um “Rio de Prêmios”. É o que eu te falei, daqui a dez anos eu espero, é o meu sonho, o que eu tenho o quê, de repente me aposentar, se eu pudesse ter uma casinha, eu gostaria de ter um sítio (Gérson).

Alguns entrevistados não demonstraram qualquer esforço de planejamento, como foi o caso de Rita, ao ser questionada sobre sua preferência por receber 1.000 reais hoje, ao invés de 1.500 em um ano :

Porque hoje eu estou aqui e daqui a um ano não sei como vai estar a minha vida. De repente posso estar doente, ou não estar fazendo mais parte desse “plano”.

Seu plano se resumia a garantir o lazer do fim de semana através do aumento do número de diárias trabalhadas como faxineira e almejar uma viagem para fora do Rio de Janeiro.

Em função dos riscos vivenciados diariamente pela baixa renda, é esperado que utilizem estratégias para reduzir as incertezas e aumentar a previsibilidade dos acontecimentos à sua volta. A gratificação imediata seria uma delas. Além disso, há indícios de que, no Brasil, as pessoas mais pobres tenderiam a ter uma visão mais fatalista da vida (ROCHA, MELLO, 2002). Em sua pesquisa com moradores da favela da Rocinha, Mattoso (2005) não constatou uma clara predominância desse tipo de atitude entre o público pesquisado. Segundo a autora, “as pessoas faziam planos concretos para o futuro, como adiar a vinda de filhos para terminar os estudos, ou trabalhar mais agora para ter outro padrão de vida mais tarde”. Os entrevistados no presente trabalho também não revelaram

claramente a busca de gratificação imediata. A visão de muitos deles era de certa impotência em relação à sua capacidade de mudar seu destino e que Deus é o grande responsável por tudo que pode vir a acontecer. Estes resultados corroboram com os obtidos no estudo de Alwit e Donley (1996) que indicou que, em função de uma renda limitada e controlada por terceiros, os pobres americanos apresentavam uma tendência a acreditar que tinham baixa capacidade de influenciar seu próprio destino.

Olha, o futuro, para a gente, só a Deus pertence. Então, não posso mudar essa situação. Mas se fosse por mim, eu mudaria (Moacir).

Não... vivo um dia de cada vez, o futuro a Deus pertence (Renato).

Num futuro assim mais pra frente, só o destino vai saber, né? Não tem como a gente planejar, assim, ganhando o que a gente ganha, ter um planejamento assim para futuro (Gérson).

Eu nunca penso assim, eu penso, ah! O futuro... Deus sabe de tudo, já está tudo escrito. Se tiver que acontecer, é porque Deus quis (Janaína).

Pelo meu padrão de vida, eu creio que se não aparecer alguém para dar uma mão, puxar, vai ser complicado, difícil. Não tenho um pensamento do que eu possa ser com 38 anos, lá na frente... (Ernesto).

Eu posso dizer que, no momento, com algumas escolhas, eu posso seguir outro caminho. Mas mudar totalmente, eu acho meio complicado. Mas eu sempre espero que vá melhorar. (Celina)

Quando perguntados se eram mais do tipo que “vive um dia depois do outro” ou alguém que “vive o hoje pensando no futuro”, predominou a primeira alternativa. A maior parte dos entrevistados poderia ser classificada, a partir da terminologia utilizada por Giannetti (2011), como hipermetropes temporais, aqueles que “vivem agora, e pagam depois”. Dos que se declararam “pensando no futuro” ou míopes temporais, três são os mais jovens do grupo, com 23 a 24 anos e seus planos de futuro ou sonhos estavam relacionados a estudo para obter um emprego melhor. Os outros estavam acima dos 45 anos e seu comportamento não se alinha com a classificação de miopia temporal. Talvez tenham utilizado um discurso “mais correto”, com receio de dar uma resposta “inapropriada”.

Eu vivo um dia após o outro. Como se diz, “matando um leão por dia”, porque eu vivo o hoje, mas não sei o que pode acontecer amanhã (Ernesto).

Eu quero me imaginar no agora. Pagando meu aluguel, minha preocupação a cada mês que passa seria o meu trabalho. Porque, imagina, se eu perco meu trabalho, como é que eu vou pagar o aluguel? Esse é o meu pensamento a cada mês (Gérson).

Eu penso em viver o agora. Porque eu não sei o amanhã. Eu penso assim dessa forma...não sei se amanhã eu vou estar viva...então eu penso no que eu vou fazer agora (Inês).

Eu nunca pensei...(hesitante) ...em melhorar assim... ver lá na frente o que é que eu posso fazer de melhor. Para mim, o que eu estou vivendo hoje já está importante. Já bastou... (Janaína).

Eu vivo um dia de cada vez, não fico pensando no dia lá na frente, não. A vida é incerta. Hoje eu estou aqui, amanhã posso não estar, e aí? (Raquel)

Eu vivo o momento, daqui pra lá não sei. Outro dia não sei, então só a Deus pertence. Eu vivo só o momento, aquele momento ali eu estou vivendo (Marcelo).

Buscou-se verificar a existência da busca pela gratificação imediata através de uma pergunta onde se oferecia um determinado valor hoje, em contraposição a um valor de 20% a 50% maior em um ano. Os entrevistados que optaram por receber o valor imediatamente, não importando o valor adicional oferecido, se avaliaram como pessoas que vivem o “hoje”, ou seja, que “vivem um dia de cada vez”. Justificaram sua opção alegando precisar do dinheiro ou não saber sobre o futuro. Pareciam não querer correr o risco de “perder a oportunidade de ganhar”, de trocar o certo pelo duvidoso.

Eu prefiro agora. Preciso fazer investimento [na casa própria]. Quero aliviar meu dia-a-dia (Ernesto).

[Prefiro] o de mil reais porque ele vai me servir de imediato, e o outro só bem mais lá para frente (Roberta).

Olha, eu acho que eu levaria o de mil reais. Porque você pode sacar ele na hora. Mesmo que você não vá precisar daquele dinheiro naquele momento, mas é um dinheiro que você já está vendo (Gerson).

[Prefiro] hoje. Porque hoje eu estou aqui e daqui a um ano não sei como é que vai estar a minha vida. De repente, eu possa estar doente, não estar fazendo mais parte deste plano (Rita).

Para Alwitt e Donley (1996), a tendência a uma visão de curto prazo e de falta de controle sobre o próprio destino pode ser considerada uma característica das classes mais baixas, em função do ambiente de restrição em que vivem e da falta de oportunidades, comparativamente ao resto da sociedade. Henry (2000) também identificou que classes sociais mais baixas possuem menos foco no futuro do que classes mais altas.

• Controle de gastos

Segundo Littwin (2008), a forma mais comum de se evitar que um comportamento de curto prazo atrapalhe as escolhas de longo prazo é se comprometer com algum objetivo no futuro. No grupo de entrevistados, os resultados mostraram que a falta de perspectivas e um plano concreto para o futuro, associados à facilidade de acesso ao crédito, principalmente através do cartão de crédito, poderiam aumentar o risco do endividamento excessivo e da inadimplência.

Tem aquele ditado que diz que pobre vive de teimoso, mas não é. O pobre aprende a se controlar. Tem uns que não sabem se controlar, mas tem uns que sabem. Ganha aquele salário mínimo e faz milagre. Você, sendo uma pessoa controlada, você tem domínio da situação. Tem controle de você e de tudo (Moacir).

Tento me controlar. Não posso ser compulsivo, senão fica complicado (Ernesto).

Independente de juros ou não, estou sempre parcelando. É mais fácil. Tenho como controlar. Importante é a prestação dar no meu orçamento (Ernesto).

O cartão de crédito é um importante viabilizador do consumo, mas alguns entrevistados mostraram consciência dos riscos associados ao seu uso indevido. Identificou-se que as experiências com a inadimplência e o “nome sujo” promoveram mudanças nesse tipo de comportamento. Littwin (2008) identificou que uma das estratégias usadas pelos indivíduos de baixa renda para evitar problemas de endividamento no cartão é não possuí-lo, porque suspeitam que gastariam acima do que podem. Alguns dos entrevistados revelaram decisões nesse sentido, reduzindo ou eliminando o uso de cartão de crédito. Littwin (2008) chamou de “sofisticados” os indivíduos que conseguiram estabelecer limites para uso do cartão de crédito, sem se permitir influenciar pelo crédito fácil e rápido. No entanto, essa sofisticação somente se dá, em sua maioria, através da vivência em problemas relacionados a dívidas.

Se eu tiver que comprar, prefiro comprar à vista para evitar fazer dívida, para controlar melhor. [...] Não gosto de cartão. Já tive. Fui comprando, comprando...aí, quando fui ver, não tinha como pagar (Marcio).

Aí eu cancelei três cartões: Leader, Ibis e Marisa, acabou! Porque eu quero ver se dou um rumo diferente. Eu falei para elas [as filhas]: a gente vai ter que dançar conforme a música. Não dá para bancar tudo e mais o que está por vir...Meu plano era pagar esses cartões, zerar e começar a guardar dinheiro para a obra (Celina).

Primeiro, eu teria que pagar este cartão, né? Porque a minha tia está presa comigo. Depois eu teria que me controlar mais, com certeza aprender a me controlar (Janaína).

Não gosto de cartão de crédito [...] porque vou fazendo dívida em cima de dívida e vai virando uma bola de neve, e chega um dia que não dá nem para pagar (Roberta).

Ainda foi possível identificar diferentes estratégias para evitar a tentação do uso do cartão em diferentes momentos, como verificado por Littwin (2008):

a) no momento de obter o cartão de crédito:

Tinha cartão, mas não tenho mais não. Só cartão de banco agora, para poder tirar dinheiro. Não vale a pena. [...] Eu aprendi muita coisa (Moacir).

É melhor não ter o cartão para não dar “aquela” vontade [de comprar]... (Roberta).

Segundo Littwin, o momento da aquisição do cartão já é uma tentação por si. A maior parte dos entrevistados mencionou ter recebido a oferta do cartão de crédito sem solicitação. Para a baixa renda, esse é um momento ainda mais importante, já que possuem menos opções viáveis para acesso a crédito (LITWIN, 2008).

b) no momento da compra com o cartão:

Só parcelo [no cartão] sem juros. Com juros eu não parcelo não (Tatiana).

Quando a gente costuma comprar [no cartão de crédito], a gente quase não parcela (Cintia).

O cartão é mais usado para compras extras. [...] Tento me controlar, não posso ser muito compulsivo, se não fica complicado (Ernesto).

Geralmente eu compro [no cartão] o que não posso pagar à vista (Inês).

Não tenho como comprar no cartão por causa do meu limite. Então, quando é mais de dois mil, uso o limite e dou uma entrada para me controlar melhor, senão, vou viver para pagar cartão. (Ernesto)

Segundo Littwin (2008), nessa segunda etapa, é comum o uso de estratégias como solicitação de redução do limite de cartão de crédito ou deixar o cartão em casa para não usá-lo. Não foi possível identificar uso desses tipos de estratégia no grupo entrevistado. Pelo contrário, alguns se utilizavam do crédito de outros quando já tinham “estourado” o próprio, como no caso de Celina.

A maioria das compras hoje é no cartão... E eu tirei algumas coisas no nome da minha mãe, porque meu limite é baixo (Celina).

c) no momento de pagar o cartão, decidindo sobre a quitação total ou manutenção do “rotativo”, quando passam a incidir juros diários sobre o valor não pago.

Littwin (2008) identificou que, normalmente, o entendimento das consequências de uso dessa estratégia não surge no momento da compra.

Nunca devi cartão, mas sempre pago atrasado. Vence dia 15 e pago no dia 16 (Fernanda).

Com relação ao acompanhamento dos gastos feitos, poucos declararam possuir um controle formal, com registro dos gastos. Não foi identificada relação entre esse comportamento e sua auto-avaliação sobre ser uma pessoa que “vive o hoje” ou “planeja o futuro”.

• Poupança invertida

A poupança invertida é um conceito que surgiu no trabalho de Brusky e Fortuna (2002) e que se aplica ao comportamento em que o indivíduo, por um lado, afirma ser incapaz de produzir sobras de dinheiro ao final do mês para gerar reserva, e, por outro, mostra capacidade de separar as quantias necessárias para quitação de suas dívidas ou juros de prestações. Esse comportamento também foi verificado em trabalhos posteriores, como o de Mattoso (2005). Da mesma forma, este comportamento foi encontrado no presente trabalho.

Marcelo, ao ser perguntado sobre possuir caderneta de poupança, alegou não ganhar o suficiente para fazer reserva:

O que eu ganho, meu salário, não dá para guardar. Eu tenho que pagar as coisas em casa.

No entanto, durante a mesma entrevista, não teve dificuldades em listar suas últimas compras no crediário e cartão:

Comprei o sofá no cartão e o colchão. [...] O smartphome e o microondas no carnê. O crediário, no momento agora, utilizei para comprar o fogão de seis bocas, pagar 12 vezes de 112,40 reais.

Quando perguntado se não podia ter guardado dinheiro para comprar à vista mais tarde, disse que “não tinha como”. Precisava naquela hora. Marcelo ainda mostrou incoerência ao apresentar suas próximas compras, que serão feitas após liquidar as últimas parcelas das dívidas atuais.

Vou renovar [as dívidas] com outras. No caso, vai ser a geladeira, o guarda-roupas, que tá precisando também.

• Nome emprestado

De acordo com as entrevistas realizadas, todos os entrevistados tem ou já tiveram, em algum momento, o “nome sujo”, ficando portanto impedidos de realizar qualquer operação de crédito em seu próprio nome, durante algum momento de sua vida.

Eu fiz um cartão da C&A pro meu filho no meu nome, não tive condições de pagar, já tem algum tempo, não sei se tá limpo, não sei se tá sujo, então eu não posso tirar nada (Gérson).

Ah, eu estou com o nome sujo... Agora eu tiro com a minha tia, minha tia tira agora no cartão para mim (Janaína).

O banco me ligou esses dias falando. Aí eu vou pagar. Meu nome no Serasa e eu nem sabia (Roberta).

Em função desse tipo de restrição e da frequência com que ocorre, o “empréstimo do nome” se torna uma opção bastante corriqueira, reforçando os achados de Mattoso (2005) e Brusky e Fortuna (2002) que evidenciaram a prática da utilização do crédito de parentes e amigos como forma de viabilizar seu consumo. Todos os entrevistados mencionaram, em algum momento, essa modalidade, seja como aquele que “pede emprestado” ou como “o que empresta”.

Já emprestei meu nome, inclusive pra um parente, que não pagou e eu tive que pagar. E como era parente, você até discute, mas, você não tem muita coisa pra fazer (Gérson).

[As dívidas] não são minhas. São no meu nome, mas não são minhas, não fui eu que fiz. Estão no meu nome, mas não fui eu que comprei (Inês).

Uma patroa minha que tirou no cheque dela. Que aí fazia no cheque em até 10 vezes sem juros. Aí quando eu quero móveis, nós temos um amigo que acaba tirando ou essa patroa que tira para mim (Celina).

Em boa parte dos casos declarados, “o empréstimo do nome” gerou inadimplência e colocou os “credores” em situação delicada, de perda do crédito até então existente.

Eu tenho o nome sujo porque duas pessoas que compraram algo no meu nome não pagaram. E coisas até bem altas, como o meu ex-marido, pai dos meus filhos comprou uma moto no meu nome, e não pagou (Inês).

Foi que uma amiga minha pediu para tirar um microondas pra ela. Eu tirei, só que ela não pagou. Eu aí tive que pagar (Tatiana).

Alguns dos entrevistados, após a experiência de ter o “nome sujo” por inadimplência causada por terceiros, declararam que mudaram seu comportamento com relação a esse tipo de concessão:

Nunca mais empresto o nome. Pode ser minha melhor amiga. Eu falo a verdade. Não vou emprestar não (Tatiana).

Por pena da filha dele [do amigo], a filhinha que ele tinha e que ia fazer três anos, aí eu, com pena da garotinha, tirei uma bicicleta para a garotinha e acabou pagando uma vez e não pagou mais. Nunca mais empresto (Marcelo).

Assim como verificado em Brusky e Fortuna (2002) e Mattoso (2005), esses episódios de não pagamento não fazem com que essa prática seja abandonada, apenas “melhor avaliada” em seus riscos, mesmo com consequências de longo prazo. As relações de amizade e parentesco proporcionam oportunidades de acesso ao crédito e são recíprocas. O capital social é, muitas vezes, o único capital disponível (Mattoso, 2005).

Fiquei chateada na hora, mas depois passou... Continuo emprestando, porque as pessoas perguntam...e eu fico com vergonha de dizer que não (Fernanda).

Então é um amigo, assim praticamente como se fosse um irmão. Então ele está sempre fazendo isso [emprestando o nome] e eu também (Gérson).

A solução, em muitos casos, para o “nome sujo” é esperar passar o prazo de cinco anos de permanência da dívida no Serasa.

Mas aí a gente se separou e ele parou de pagar. Não pagou mais e até hoje o meu nome é sujo e o valor é bem alto (Inês).

E minha dívida, aí eu falei, ah como é meu nome, um dia eu limpo. Só que um dia foi ficando, ficando... não deu (Janaína).

Ah, fiquei... foit três anos, foi nas Casas Bahia... Foi quatro anos com o nome sujo no SPC, aí ficou aquilo... Eu não conseguia pagar, aí eles deram a carta lá em casa, deram o perdão da dívida (Marcelo).

• Consciência de juros e preferência por menor número de parcelas

Identificou-se que, assim como verificado por Barros e Rocha (2009), o parcelamento seria uma opção atraente para a população de baixa renda, por permitir a aquisição de vários bens de consumo ao mesmo tempo. No entanto, a pesquisa realizada identificou um novo comportamento, que pode ser considerado generalizado dentro do grupo de entrevistados, com relação ao crediário.

Praticamente nenhum dos entrevistados possuía crediário em uso, apesar de a grande maioria estar, no momento da entrevista, reformando a casa ou comprando móveis e eletrodomésticos.

Enquanto no estudo de Brusky e Fortuna (2002) surgiram declarações como “eu sei que vai custar quase o dobro, mas as prestações são pequenas e eu posso pagar”, a unanimidade dos entrevistados mencionou os juros do crediário como altos demais e extorsivos. Parece haver uma percepção mais clara sobre o impacto dos juros no valor final da mercadoria, independentemente da quantidade de parcelas.

Eu fui há pouco tempo lá ver: assim, se você for fazer o carnê, vamos dizer, se o negócio está custando R1.100 reais, eu ia pagar R\$ 1.800. Muito caro...aí eu parei (Celina).

Ela fica menor [a prestação em um crediário longo], mas você acaba pagando quase três vezes uma mercadoria só. Então, quer dizer, não é vantajoso, você pagar uma parcela mínima e pagar duas, três mercadorias por uma (Rita).

Porque às vezes você tira em 12 vezes, mas tem um juro ali pequeno. E às vezes os juros, quando você calcula, ele chega a ser o valor, mais a metade do valor daquela mercadoria que você compra. Se a mercadoria é 800 reais, sai por 1.200. Geralmente você paga aquela mercadoria um preço e meio (Gérson).

Se ela [a parcela do crediário] fica menor, você acaba pagando quase três vezes uma mercadoria só. Então quer dizer, não é vantajoso você pagar uma parcela mínima e pagar duas ou três mercadorias por uma (Rita).

Comprei um guarda-roupa para mim e para minha irmã na Casas Bahia. Mas é horrível...Você paga o dobro. Não acaba nunca o valor da parcela. Pensei depois: foi muito sem noção o que eu fiz (Talita).

A maior parte dos entrevistados também relatou preferir pagamento com parcelas mais curtas, ainda com a preocupação de ter parcelas que “caibam” no seu orçamento. Ficar “preso” a um financiamento por período muito longo foi um dos motivos mais mencionados pelos entrevistados.

Ah... eu procuro sempre comprar o menos possível. Por exemplo: eu comprei uma geladeira. Eu me separei e fui morar sozinha antes de ir morar com a minha mãe, aí em dez vezes ficaria em 100 reais e em vinte vezes ficaria 50 reais. Não, é claro que não! Vou ficar 20 vezes pagando?! Aí eu preferi de dez. Então eu prefiro sempre o de menos, com certeza! Ficar muito tempo pagando de repente não vale nem a pena! (Inês)

Pra mim é vantagem, porque acabou, acabou. Não tem esse negócio de ficar mastigando, entra ano, você, pá, fica pegado naquilo ali. Pra mim não é jogo, prefiro liquidar (Moacir).

Não porque [o crediário] prende muito. Um exemplo: você compra uma televisão, em 12 vezes, 14 vezes, e passa o ano inteiro pagando. Aí você que fazer uma compra no cartão e já tem crediário. Embola (Ernesto).

Outra razão para preferir um número menor de parcelas para pagamento é evitar a sensação de estar comprometido com o financiamento de uma mercadoria que já está “obsoleta” ou que já não representa mais o desejo daquele momento.

No máximo cinco, seis[prestações]. Mais do que isso não dá, não. A pessoa fica muito tempo pagando uma coisa só, e aí quando for ver, terminar de pagar, o bicho já acabou (risos) (Rita).

Eu poderia tirar em 12 vezes, mas em compensação, pode ser que quando você termine de pagar o produto, o produto já não exista mais. Casa que tem criança às vezes acontece isso, quando você termina de pagar, você já não tem mais o produto (Gérson).

Um valor que dê para eu pagar e o mais rápido possível. Não gosto de prolongar. Demora muito, eu quero comprar outra coisa e aquilo ainda está lá... (Vitória).

4.3. Significado do Crédito, do Endividamento

4.3.1. Significados do crédito

- **Realizar Sonho**

Todos os entrevistados expuseram seus sonhos sem dificuldade. A maior parte deles, relacionados à compra ou reforma da casa própria. Dos 16 entrevistados, 11 afirmaram que a casa era sua prioridade. Mas ao revelarem a natureza de suas dívidas, verificou-se que, na maioria das vezes, não guardavam qualquer relação com esse sonho. Como Fernanda, que afirmou que “o mais importante na vida da gente é uma casa própria”, mas em seguida, complementou que “a casa vai ser comprada com o dinheiro da aposentadoria, porque dinheiro guardado não tem”.

Mas houve aqueles casos em que o sonho da casa estava refletido nas pendências financeiras: cinco entrevistados apresentavam dívidas relacionadas diretamente com seus sonhos.

[Não tenho poupança] porque como eu estou querendo terminar logo a casa, eu estou focada e pego meu dinheiro e ponho tudo na casa. Mas eu já guardei e já gastei (Vitória).

Eu comprei uma casa em forma de aluguel. Eu dei uma entrada e foi meu patrão quem me adiantou esse dinheiro. Estou pagando ela em forma de aluguel (Janaína).

Os sonhos dos mais jovens estavam relacionados aos estudos e empregos melhores. Uma das entrevistadas mais velhas, sonhava com o estudo e um futuro melhor para os filhos e, de fato, estava comprometida financeiramente com o pagamento de faculdades particulares.

• Consumismo

Diferentemente do verificado por Manning (2000) e Mattoso (2005) na Rocinha, identificaram-se casos em que o endividamento pessoal, se não no momento da entrevista, já havia sido reflexo de comportamentos consumistas. Brusky e Fortuna (2002) também identificaram que a aquisição de um produto de forma imediata estaria alinhada com uma cultura de consumo suportada pela mídia e propaganda, onde poder comprar seria sinal de sucesso. Para Manning (2002), a mídia estimula o consumo imediato em detrimento de uma vida frugal e da poupança e, por outro lado, bancos e financeiras incentivam o endividamento, principalmente através do cartão de crédito. A maior parte dos entrevistados adquiriu seus bens através de endividamento via cartão de crédito. Móveis, eletrodomésticos de grande porte e roupas, surgiram em maior evidência.

A ansiedade não deixa. A gente quer comprar agora, quer conseguir as coisas agora (Vitória).

Como eu te falei, sou obsessiva. Se eu vir, eu quero, eu quero. Aí comprei um armário, uma cômoda, uma cama, comprei tudo junto, um quarto (Janaína).

Questionada sobre o tamanho da parcela do cartão depois de todas essas compras, Janaína revelou que, somente essa compra gerou uma parcela de 538 reais por mês, para um salário líquido de 709 reais.

Achei que eu ia precisar daquilo, mas depois eu nem uso. Ou estão na promoção, e eu penso: “ai tá barato”, e eu acabo comprando sem precisar (Vitória).

Você compra hoje e gostou muito, amanhã aquilo não tem mais significado para você. Você quer comprar outra coisa (Vitória).

• Inclusão e Distinção

O acesso facilitado a bens de consumo pode significar a “entrada” na sociedade de consumo (BARROS, ROCHA, 2009). Além disso, para Castilhos e Rossi (2009), é pela posse de bens que os pobres se distinguem uns dos outros. É pelo consumo que a “sintonia fina classificatória”(p.69) da distinção se expressa entre os pobres. Algumas declarações podem ser interpretadas tanto como desejo de inclusão como de distinção, enquanto outras apontam em uma ou em outra direção.

De uns 15 anos para cá muita coisa diminuiu os valores e nós, de baixa renda, a gente está podendo comprar coisas melhores, coisas que há 15 anos atrás eu não tinha e hoje posso ter (Rita).

Costumo comprar na Paradise, no Shopping Bangu. Eu compro muito ali. Eu não gosto de CR, CVK... é roupa de funkeira, assim eu não gosto não. Até porque eu não gosto de funk, eu gosto é de pagode (Janaína).

Tudo que eu via eu queria consumir, comprar, comprar a novidade de pessoa jovem(Moacir).

Na época eu só queria coisa de lançamento. Eu saía todo fim de semana e gostava de sair arrumado. Podia estar com 30/40 reais no bolso, mas eu queria estar bem vestido. Você não vai acreditar, mas eu pagava 500 reais num tênis (Marcio).

Comprei tudo em roupa de marca. [...] Só roupa cara (Marcio).

As coisas que eu compro sem necessidade, tipo comprei um notebook que nem uso. Só para ter, para dizer que eu tinha um notebook. (Janaína)

4.3.2. Significados do endividamento

• Ruim e necessário

Todos os entrevistados apresentaram, em algum nível, consciência sobre seu nível de endividamento. Alguns falaram abertamente sobre o desejo e intenção de acabar com suas dívidas. No entanto, eliminar o crédito de suas vidas parecia uma tarefa bem distante. Mesmo aqueles que já não faziam mais uso do cartão de crédito, reconheciam a facilidade de consumir por meio do crédito.

Fui vendedor, conheço essas “manhas” todas. Até o plano do empréstimo tem essas “paradas”. Mas o que faz você tirar o empréstimo é a necessidade e nessa necessidade você “cai de gaiato”(Marcio).

Quero parar com cartão, quero parar com crediário, quero parar com dívida! Quero parar. Eu quero parar, porque eu estou pensando em estudar... Quero fazer um curso. Tentar uma coisa melhor, entendeu? (Janaína)

• Temor de não poder pagar

Todos os entrevistados, inadimplentes ou não, mostraram preocupação em gerar dívidas e, conseqüentemente, aumentar o risco de inadimplência. Como verificado por Mattoso (2005), ter o “nome sujo” implicaria em conseqüências relacionadas a perda do crédito, dependência de terceiros e perda de sua identidade, limitando, imediatamente, sua capacidade de consumo e impactando na sua sobrevivência.

O cartão de crédito, através da fatura para pagamento, representa possibilidade de compra mas, ao mesmo tempo, um grande risco em caso de atraso ou não pagamento.

Eu acho que cartão não me é útil para nada. Acho que só vai me trazer problema. Só vai me trazer dívida. As taxas são muito altas (Renato).

Eu sei que negócio [próprio] no início não dá nada não. Porque o que você investiu, pegou emprestado, o que entra você usa para pagar o empréstimo. E o meu hoje? Como faço com as minhas contas de hoje? (Celina)

Eu não gosto nem de usar muito o cartão por causa disso, vai muito alto os juros. Se atrasa a conta, aí vem outro juros em cima, aí não dá! (Gérson).

Não gosto de cartão de crédito, porque aí eu vou fazendo dívida em cima de dívida e vai virando uma bola de neve, e chega um dia que não dá nem para pagar (Roberta).

Eu só pago o total que estiver lá [na fatura], nunca pago parcelado]. Nunca! [...] Não fica pagando o mínimo, senão você se enrola mais ainda (Marcelo).

• Impacto dos filhos

Os filhos surgiram, em algumas entrevistas, como motivadores de compras e conseqüente endividamento. Além disso, os filhos são os repositórios da esperança de um futuro melhor do que o dos pais.

Eu sonho em ver meus filhos bem melhores do que eu (Inês).

Sou um pai bem responsável. Meus filhos são prioridade. Procuo me controlar (Ernesto).

Hamilton e Caterall (2012), em estudo para identificar estratégias da baixa renda para disfarçar sua condição de pobreza, verificaram que alguns pais da baixa renda utilizaram recursos como comprar roupas de marca, para reduzir a pressão social sobre seus filhos e evitar algum tipo de preconceito. Uma das formas de distanciar-se do estigma da pobreza e fazer com que o filho seja socialmente aceito, seria usar marcas de roupas conhecidas.

[No cartão] compro roupa e sapato para o meu filho. Porque adolescente sempre quer alguma coisa. Vai a uma festinha, quer uma roupa, um sapato... (Roberta).

Eu fiz um cartão da C&A para o meu filho, no meu nome, não tive condições de pagar. (Gerson).

É possível também que as dívidas assumidas para adquirir produtos para os filhos, e eventualmente não pagas, como no caso do Gerson, sejam vistas como mais justificáveis do que as relacionadas a compras para si mesmo. Castilhos e Rossi (2009) também encontraram a mesma realidade em um grupo de residentes em uma favela da cidade de Porto Alegre. Os autores observaram que “priorizar o vestuário dos filhos em detrimento dos seus próprios é um ato que afirma seus papéis e obrigações no seio da família” (p.62).

Com base nas respostas individuais ao roteiro de perguntas apresentado, foi possível estruturar a Tabela 3, que apresenta elementos relacionados à orientação temporal dos entrevistados, utilizados para a formulação da análise de resultados apresentada.

Tabela 3 – Elementos-base para identificação de orientação temporal

Nome	Pensa hoje ou no futuro	Sonho	Tipo de endividamento atual	Parcela da renda comprometida	Razões do endividamento	Inadimplência anterior? Onde?	quitou ou deixou?	Nome está sujeito hoje?	Escolhe R\$ 1000 ou 1200/1500?	Razão Inadimplência	Já emprestou o nome?	Faz controle de gastos?
Rita	hoje	viagem/reforma da casa	cartão	70%	roupa/móveis e eletro	sim. Cartão	quitou	não	1000	desemprego	sim	não
Marcelo	futuro	estudo	cartão	40%	celular/eletro	sim. Credidiário	deixou	não	1200	desemprego	sim	não
Janaína	hoje	casa própria	empréstimo próprio/cartão/financiamento casa	130%	casa própria/itens para o lar	sim	deixou	sim	1200	desemprego	não	não
Gérson	hoje	casa própria	cartão	20%	móveis e eletro/filhos	sim.cartão de crédito	deixou	sim	1000	consumo excessivo	sim	sim
Moacir	hoje	negócio próprio	empréstimo consignado	45%	obra na casa	sim.Credidiário e cartão	quitou	não	1500	consumo excessivo	não	sim
Renato	hoje	profissão	cartão	-	roupa e celular	não		não	1000		-	não
Kátia	futuro	casa própria e estudo	cartão	70%	móveis e eletro/filhos	sim. Empréstimo de nome	quitou	não	1200	desemprego	sim	sim
Roberta	hoje	voltar para cidade natal e casa própria	cartão/empréstimo	40%	filho	sim	quitou	sim	1000	tarifa banco	-	não
Inês	hoje	casa própria e estudo	cartão	-	moto/	sim.Empréstimo de nome e cartão	deixou	sim	1200	separação/ consumo excessivo	sim	não
Neide	hoje	estudo filhos	cartão	85%	móveis e eletro/filhos	sim.credidiário	deixou	não	1000	desemprego	sim	não
Celina	hoje	reforma da casa	cartão	45%	obra na casa/móveis e farmácia	sim.empréstimo de nome	deixou	não	1000	separação/desemprego	sim	sim
Ernesto	hoje	casa própria	cartão	20%	obra na casa/filhos	sim.chegue especial	quitou	não	1000	juros alto	não	não
Vitória	futuro	casa própria, faculdade, carro	cartão	70%	obra na casa/roupa	não		não	1500		sim	não
Tatiana	futuro	emprego público	cartão	65%	roupa e calçados	sim.empréstimo de nome	quitou	não	1500	desemprego	sim	sim
Marcio	hoje	casa própria	empréstimo	60%	construção casa própria	sim.cartão de crédito	deixou	sim	1000	consumo excessivo	-	sim
Fernanda	hoje	casa própria	cartão	50%	eletro/roupa	sim.credidiário e empréstimo de nome	quitou	não	1000	esquecimento/desemprego	sim	não